

## EDUCAÇÃO DO CORPO DE SUJEITOS ESCOLARES: UM ESTUDO EM PERSPECTIVA PÓS-ESTRUTURALISTA

Odiléia do Socorro Ribeiro RODRIGUES<sup>1</sup>  
Campus Universitário de Abaetetuba/UFPA  
odileia24@yahoo.com.br

**Resumo:** *O presente texto apresenta resultados preliminares de investigação. Tinha como objeto de estudo a produção discursiva do corpo de sujeitos em contexto escolar e objetiva examinar dispositivos de escolarização e sua incidência sobre o corpo. O campo empírico da pesquisa constitui-se de escolas urbanas no município de Abaetetuba/PA. O estudo adotou como substrato teórico-metodológico, a análise do discurso e a problematização sobre os modos de subjetivação e a constituição do sujeito sob a perspectiva foucaultiana. A partir desta perspectiva, anuncia-se que o processo de subjetivação em contexto escolar perpassa pela adoção de dispositivos discursivos de normalização, de disciplinarização, dispositivos de governo de si e dos outros. Tais dispositivos se materializam no contexto escolar por meio de Regimentos, registros em Livros de Ocorrência, cartazes exortativos de práticas morais e disciplinares, entre outros.*

**Palavras-Chave:** *Subjetivação. sujeito escolar. educação do corpo.*

**Abstract:** *The present text shows preliminary results of investigation. It like as objective of study the discursive production of the body of subjects in schoolship context and goals examine devins of schooling and your incidence over the body. The empiric fids of research constituted itself from urban schools on the city of Abaetetuba/PA. The study adopted a theoretical-methodologic substract, an analyse of the discuss and the problemalization over the ways of subjectivity and the constitution of subject under the perspective of Foucault. Starting from the perspective it announces that the process of subjectivity in schoolship context to pass by the adoption of discursive devias of normalized, of disciplining, govern devian of itself and the others. Those devian materialize im schoolship context by the Regimen, register in Books of Occurrence, eshortative posters of moral and disciplinary practices amony others.*

**Keywords:** *subjectivity. schoolship subject. body education.*

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba e Bolsista PIBIC-INTERIOR/UFPA. Desenvolveu sua investigação, em 2007, no interior do Projeto de Pesquisa "Educação e subjetivação: a produção de sujeitos em contexto escolar", e desenvolve atualmente o estudo *Ética e estética de si: a hermenêutica do sujeito em Michel Foucault*, sob a Orientação do Prof. M.Sc. Jadson Fernando Garcia Gonçalves.

## Introdução

A pesquisa em andamento ora apresentada intenciona flagrar, por meio de processo investigativo, quais os modos de produção discursiva do corpo de sujeitos escolares dialogando com produções de pesquisa em educação de vertente pós-estruturalista, mais especificamente aquelas baseadas nos trabalhos de Nietzsche, Foucault, Deleuze, porém mais precisamente no campo de estudo do discurso e dos modos de subjetivação sob a perspectiva foucaultina.

Ou seja, o presente estudo volta-se para a compreensão daquilo que a instituição escolar está fazendo com os sujeitos escolares a fim de constituir-los como sujeitos de determinados tipos, e, correlativamente, compreender o que fazem os escolares com aquilo que a escola quer que eles sejam. Neste movimento escola/sujeito/escola, nosso objetivo é fundamentalmente identificar, analisar e compreender as diversas estratégias utilizadas no contexto escolar como estratégias ou práticas de subjetivação, entendidas como “[...] injunções, conselhos, técnicas, pequenos hábitos de pensamento e emoção, uma série de rotinas e normas do ser humano – os instrumentos por meio dos quais [e através dos quais] o ser humano constitui a si próprio em diferentes práticas e relações” (ROSE, 2001, p. 51).

A problematização deste trabalho está voltada para o sujeito, foco central dos escritos foucaultianos. É precisamente isto que justifica a escolha dos escritos de Foucault como referencial teórico-metodológico, na medida em que nos permite argumentar que um exercício de estranhamento, de afastamento e de interrogação sobre aquilo que somos ou pensamos ser pode se constituir analiticamente em algo produtivo, ao nos “mostrar” que tudo aquilo que nos parece o mais evidente, o mais natural das coisas, seus modos de funcionamento, suas regras, suas normas, que em grande medida determinam nossos modos de pensar, nossos comportamentos e condutas, pode e deve ser questionado.

É neste sentido que pretendemos problematizar as práticas discursivas escolares como campos de saber imersos em relações de poder, como práticas de subjetivação e, no caso específico do contexto escolar, como local privilegiado de construção de subjetividades onde estão presentes “práticas regulares [...] modificadas sem cessar através da história” (FOUCAULT, 2003, p. 11), agenciamentos coletivos de produção/reprodução de disciplinamentos, normas, privilegiamento de saberes, relações de poder, lutas, disposição dos corpos, resistências...

Tramas complexas que se materializam por meio de práticas discursivas em meio a lutas políticas de significação.

Atentar para o papel que os discursos desempenham no processo de constituição da realidade é estar destacando os efeitos de verdade na produção de subjetividades, ou seja, é estar afirmando que as subjetividades são também resultados de operações discursivas. Daí a necessidade de investigarmos de que modo tais operações são engendradas e colocadas em funcionamento no contexto escolar.

## 1 Os encaminhamentos investigativos

No que se diz respeito aos aspectos metodológicos, cumpre destacar que a atenção está voltada para a obtenção de materiais e dispositivos escolares que mantém relação direta ou indireta com o processo de controle, disciplina e gestão de sujeitos escolares. Assim, consideramos como fontes documentais na composição do corpus empírico: regimentos, cartazes, avisos, livretos, registro de ocorrências e qualquer material que apresente vestígios de conduta ética, moral e disciplinar que incida sobre os corpos de sujeitos escolares. Também é objeto de atenção a disposição espacial e arquitetural da escola e sua função de disciplinamento do espaço escolar (FOUCAULT, 2004a).

A pesquisa se desenvolve em escolas urbanas no município de Abaetetuba. Foram incluídas no estudo escolas públicas que ofertam o ensino fundamental de 5ª. a 8ª. série e que atendam a um número expressivo de discentes. Após a definição das escolas, procedemos à coleta dos materiais e dispositivos acima enunciados. Neste momento foi possível nos apropriarmos de cópias de Regimentos Internos das escolas e de cópias de Livros de Ocorrências, bem como do registro, por meio de fotografias, de elementos da arquitetura da escola.

Em um segundo momento da pesquisa, em que se procura examinar de que modo os sujeitos se apropriam, internalizam ou resistem aos processos de subjetivação escolares, pretendemos nos valer das narrativas dos próprios sujeitos escolares no sentido de percebermos os processos de constituição de si mesmo ou práticas de si que o sujeito submete a si mesmo ao aceitar ou recusar práticas de determinados tipos, neste caso, práticas escolares. O que se pretende com o recurso às narrativas é ampliar o leque de campo de interrogativas e análise das práticas de si (FOUCAULT, 2004b).

Apesar desta delimitação metodológica prévia, estamos atentos ao fato de que o próprio processo de pesquisa é fluido e incerto. De posse dos materiais, documentos e informações se procederá à análise propriamente dita e, neste aspecto, utilizaremos a análise de discurso de perspectiva foucaultiana, identificando inicialmente as regularidades discursivas, ou seja, os temas recorrentes nos discursos capturados por meio dos materiais, documentos e informações dos alunos que produzem corpos e mente escolares. Não se pretende fazer separação rígida entre o momento da coleta de dados e a análise, mas sempre que possível estar conjugando estes dois momentos.

## 2 Os vestígios investigativos preliminares

O desenvolvimento deste estudo nos tem permitido compreender os processos, mecanismos e discursos que a escola utiliza no sentido de constituir sujeitos sociais de um tipo particular, para atender determinados interesses socioculturais historicamente situados. Daí a intensificação de nosso interesse em examinar que tipo de sujeito é esse e que estratégias discursivas são utilizadas neste processo de constituição dos corpos e mentes de sujeitos escolares, direcionadas no sentido de atender determinados projetos de sociedade politicamente orientados. O contato com as leituras, que de diferentes modos abordam a problemática da construção do corpo, e com o contexto empírico, fez-nos perceber o quanto o espaço escolar opera na construção de sujeitos, de subjetividades, a partir de práticas sociais, disciplinares e morais, que, sendo usadas como recursos disciplinares, acabam por incidir e moldar corpos, modos de ser e de agir dos indivíduos. Isto evidencia a dimensão do poder da escola no controle das regularidades e das permanências dos rituais escolares e sua incidência nos corpos.

Quando a escola lança mão do uso do poder, apropria-se do disciplinamento como prática pedagógica efetiva e controla. Desse modo, "tão raro podemos encontrar alguém que pense por si mesmo" (BELTRÃO, 2000, p. 65). Então o produto da escola, à primeira vista, é um sujeito que age, que é moldado a partir dos interesses dos outros, da vontade dos outros, do governo dos outros, ou melhor, fala a partir da vontade, do interesse e do governo da escola.

Com estrutura escolar e disciplinar montadas e com os indivíduos à sua disposição "uma individualidade começa a ser fabricada" (BELTRÃO, 2000, p. 43). Os corpos estão sujeitos à obediência das ordens, ou melhor,

ele interioriza e codifica o que tem que ser feito e submete-se a isso. As distribuições feitas no espaço escolar, bem como a prática constante dessas distribuições vão dando forma aos indivíduos, vão fabricando corpos, vão educando-os para serem sujeitos da relação de poder exercido sobre eles. Nesse jogo analítico, em que a fabricação é feita a partir da diferença, onde o melhor é aquele que se sujeita, cabe ressaltar que esse sujeito também é o mais silenciado.

Tal compreensão ocorre porque o caráter assumido pela escola é de cunho normalístico, o que contribui para um desenvolvimento sistemático de padrões, normas e regras que organizam, que determinam a vida, as atividades, o modo de ser, de agir, pensar e praticar de uma forma tão naturalizada que chega a ser notado que o que está se fazendo na escola é nada mais que cumprir horários, estudar assuntos impostos, resolver exercícios ou fazer alguma atividade apontada por alguém. É nesse ínterim que nasce o que a escola define como “bom” e “mal”.

O bom aluno é o que cumpre com as normas estabelecidas, ajuda e coopera para o cumprimento delas e deixa seus valores e comportamentos serem moldados. Ao falarmos em construção ou produção de corpos, esta é feita pela aplicação de poder e saber sobre os indivíduos, mas não somente sobre estes; tal produção também incide sobre instituições com concepções específicas, como a escola, por exemplo. Deste modo, a relação de poder-saber explica quem é quem dentro do contexto escolar, bem como da definição de quem obedece. Os regimentos escolares, os cartazes, os informativos expostos em quadros de avisos e murais são alertas prévios de que alguém, naquele espaço, faz uso do poder, respeitado pelos próprios documentos, e alguém que por ventura violar algum desses acordos estabelecidos sofrerá punições. Isso quer nos dizer que o sujeito escolar imprime as regras e depois submete-se a elas.

Quando a escola tenta a qualquer custo manter o controle excessivo, as regras limitadoras passam a ser um grande risco de que o processo de intimidação, de repressão de vontade e de desejo possa ser, com o passar dos tempos, catarseada de forma considerada irregular, fazendo com que a instituição use de seu poder de controle e penalidades para punir; para fazer a aplicação dos conhecidos castigos. Então vemos que a estrutura disciplinar forma e produz sujeitos escolares segundo as suas perspectivas, ou melhor, quando é montada uma estrutura de normas e regras é porque elas apontam para um sentido contrário: o da transgressão. Os alunos tidos como “maus” fazem a negação da disciplina. O problema é que a escola não vê na transgressão um momento de construção, mas sim de reforço

na intenção de propagar sua estrutura de poder e sua autoridade de punir. As ordens são feitas para serem cumpridas, o rompimento com as normas estabelecidas acarreta um julgamento, uma aplicação de punição.

Neste sentido, as escolas utilizam as palavras liberdade, democracia, respeito e disciplina, de modo consciente, para camuflar o uso dos dispositivos de disciplinamento. E esta narrativa precisa ser questionada, problematizada. Deleuze (1992, p. 220) alerta-nos para a seguinte questão: de que “Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou o mais tolerável, pois é em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições”.

Os que transgridem essas normas e regras comuns do contexto escolar acabam sempre recebendo um olhar e um tratamento diferenciado. Por tentarem romper o “sagrado”, com a manutenção do igual, são expulsos. As ferramentas usadas para o controle vão se tornando cada vez mais eficientes. Agora, ao contrário dos tempos passados, a aplicação não é de castigos ou da exposição, ela ocorre por intermédio da vigilância mútua. Os nossos movimentos são vistos de forma diferenciada, a nossa limitação de ser e fazer diferente acabam por criar em nós uma pseudoautonomia, pois somos manipulados e controlados pelas opiniões e regras de conduta. Não somos autônomos em gerenciar o nosso “eu”. A vida e os fatos cotidianos baseiam-se numa prática constante de relação de poder. No caso da escola não é diferente, ela acaba exercendo a função a que foi designada, que é usar o poder para o controle dos indivíduos e isso, conseqüentemente, dará uma certa estabilidade para transformar as regras e as normas em inscrições visíveis na construção dos corpos dos indivíduos e até na construção de saberes. Neste caso, a disciplina regula ao nosso interior, a nossa subjetividade.

A elaboração de um discurso de produção de corpos com características institucionais é visível quando percebemos que estes são produzidos para atender às exigências do poder; são corpos que falam através de suas estruturas físicas. Gestos, marcas, comportamentos que indicam, definem como os corpos são moldados, construídos a partir do exercício do poder delegado pelas diversas instituições sociais. A maneira como é formada, estabelecida e praticada as relações de poder acabam construindo corpos com características expressivas dos efeitos dessa relação. As manifestações corpóreas, discursivas, são capazes de dar a identificação sobre a intensidade ou não do uso do poder e do controle exercido sobre o corpo. Dependendo da intensidade cotidiana do poder exercido sobre os corpos, define-se o jeito de ser e de agir, constituem-se subjetividades.

## Conclusão

Buscar no espaço escolar indícios e dispositivos que fazem parte do processo de subjetivação dos sujeitos escolares e como eles incidem nos corpos, bem como a concepção de sujeito que a escola almeja construir por meio desses dispositivos é ter que se apropriar de procedimentos, mecanismos e instrumentos utilizados nas práticas discursivas pedagógicas que evidenciem regras de conduta e de controle do outro e de si mesmo, em que se possa analisar que o espaço de “ação disciplinadora, arbitrária, e capaz de transformar o corpo em produto, passivo de qualquer atitude autônoma” (BELTRÃO, 2000, p. 69). As práticas influenciadoras da produção dos corpos, das subjetividades, dos indivíduos no espaço escolar são resultantes de influências históricas de diferentes concepções filosófico-pedagógicas, as quais se consolidaram como verdade em meio a relações de poder.

## REFERÊNCIAS

---

BELTRÃO, I. R. **Corpos dóceis, mentes vazias, corações frios: didática - o discurso científico do disciplinamento**. São Paulo: Editora Imaginário, 2000.

DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1990**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FOUCAULT, M. **A verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: NAU editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 2004a.

\_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.

ROSE, N. Inventando nossos cus. *In*: SILVA, T. T. da (Org.). **Nunca Fomos Humanos: nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 137-204.